

EXPLORANDO A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: HARMONIA E CONFLITOS ENTRE COGNITIVISMO E INATISMO

EXPLORING LANGUAGE ACQUISITION: HARMONY AND CONFLICT BETWEEN COGNITIVISM AND INNATISM

Clarice de Freitas Silva ¹

Universidade Federal de Alagoas

Genivan Silva Pereira ²

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Nas últimas décadas, o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem pelas crianças tem despertado o interesse de pesquisadores de diferentes correntes teóricas, especialmente no campo da psicolinguística. Diante da complexidade das manifestações linguísticas infantis, analisar esse processo é um desafio, mas é essencial para entender como a língua materna é adquirida em um curto período de tempo. Diante disso, este artigo tem por objetivo realizar uma análise comparativa entre as teorias cognitivista, de Jean Piaget (1999), e inatista, de Noam Chomsky (1977), a partir de uma revisão de literatura e com base em uma abordagem qualitativa de natureza básica. A análise revela que, apesar das diferenças, tanto Piaget quanto Chomsky concordam que o desenvolvimento da linguagem depende de estímulos externos. Enquanto Piaget destaca o papel do ambiente e da interação social, Chomsky enfatiza a ativação de uma capacidade inata. Assim, concluímos que essas teorias se complementam nos estudos sobre aquisição da linguagem.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; Cognitivismo; Inatismo; Jean Piaget; Noam Chomsky.

Abstract: In recent decades, the process of language acquisition and development in children has attracted the interest of researchers from various theoretical schools of thought, particularly within the field of psycholinguistics. Given the complexity of children's linguistic manifestations, analyzing this process presents a challenge, yet it is essential for understanding how the mother tongue is acquired within a short period. Against this backdrop, this article aims to conduct a

¹ Doutoranda em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (PROGEL/UFRPE), Graduada em Letras - Português, Inglês e suas respectivas Literaturas – pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Email: clariceuf@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0053488231482673>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7292-1090>.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL).

² Mestre em Linguística Aplicada – pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado em Letras - Português, Inglês e suas respectivas Literaturas – pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Email: genivan2011@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4023907282886164>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-3837-4473>.

comparative analysis of Jean Piaget's (1999) cognitivist theory and Noam Chomsky's (1977) innatist theory, drawing on a literature review and a qualitative, basic research approach. The analysis reveals that, despite their differences, both Piaget and Chomsky agree that language development relies on external stimuli. While Piaget highlights the role of the environment and social interaction, Chomsky emphasizes the activation of an innate capacity. Thus, we conclude that these theories complement each other in the study of language acquisition.

Keywords: Language acquisition; Cognitivism; Innatism; Jean Piaget; Noam Chomsky.

Submetido em 18 de dezembro de 2025.

Aprovado em 17 de agosto de 2026.

Introdução

Desde o início do século XIX, o processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua natural tem despertado o interesse de pesquisadores da Linguística e da Psicolinguística. Compreender o funcionamento da comunicação humana é, portanto, um dos maiores desafios e fascínios dessas áreas. Nesse sentido, Corrêa (2001) diz que os estudos sobre a aquisição da linguagem buscam entender como uma criança, que inicialmente não possui qualquer forma de expressão verbal, gradualmente incorpora a língua de sua comunidade. Assim, nos primeiros anos de vida, a criança adquire um sistema de expressão e interação social que é essencial para sua inserção na sociedade.

Ademais, conforme Kennedy (2013), todos os seres racionais, exceto aqueles afetados por patologias graves, possuem capacidade intelectual para produzir e compreender manifestações linguísticas em diversas situações cotidianas, utilizando uma língua natural. Tal afirmação levanta, então, uma questão central: como, de fato, ocorre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem? Embora existam diversas teorias sobre esse fenômeno, não há, até o momento, uma explicação científica definitiva. O que os pesquisadores podem fazer é trabalhar com evidências e pressupostos que auxiliem na compreensão desse processo.

Levando em consideração essas reflexões sobre a manifestação da comunicação, este artigo tem como objetivo realizar uma análise comparativa de duas das principais teorias de aquisição da linguagem. Para isso, adotamos uma abordagem qualitativa de natureza básica, focando nos estudos cognitivistas de Jean Piaget (1999) e na teoria inatista de Noam Chomsky (1977), por meio de uma revisão de literatura que embasará nossa análise.

De acordo com Piaget (1999), as crianças não nascem com capacidades mentais inatas, mas desenvolvem essas capacidades a partir da interação com o ambiente. Ou seja, a aquisição da linguagem ocorre como resultado da interação ativa da criança com seu meio. Em contraste, Chomsky (1977) postula que a aquisição da linguagem se dá por meio de uma faculdade mental inata, a qual ele descreve como um "órgão mental" presente em cada indivíduo, permitindo, assim, a compreensão e produção linguística.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este estudo fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, reunindo e analisando contribuições de autores renomados como Piaget (1999), Chomsky (1977), Martelotta *et al.*, (2011), Miranda e Senra (2012), Pereira (2012), Kennedy (2013) e Bock *et al.* (1999). A estrutura do trabalho foi organizada da seguinte forma: inicia-se com uma introdução à teoria cognitivista, seguida por uma breve apresentação da teoria inatista. Na sequência, discutiremos as etapas de desenvolvimento da linguagem segundo ambas as teorias. Finalmente, apresentaremos uma análise comparativa dessas abordagens, culminando em considerações conclusivas baseadas nas evidências teóricas que analisamos.

1. Teoria cognitivista

Jean Piaget, nascido em 1896 em Neuchâtel, na Suíça, é um renomado psicólogo e filósofo, famoso por seus estudos sobre a inteligência infantil. O foco central de seus estudos cognitivos é entender como as crianças adquirem conhecimentos, especialmente a linguagem. Contudo, é importante destacar que o objeto de estudo de Piaget não é a linguagem em si, mas o processo de aprendizagem. A esse respeito, Piaget (1967, p. 92, *apud* Miranda; Senra, 2012, p. 3) afirma que:

a linguagem, portanto, é condição necessária, mas não suficiente para a construção de operações lógicas. Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo tempo, um conjunto de transformações solidárias. Por outro lado, sem a linguagem, as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência, esta regularização que resulta da troca individual e da cooperação.

Dessa forma, Piaget argumenta que, embora a linguagem seja crucial, ela não é suficiente para a construção do pensamento lógico. O conhecimento, segundo ele, é adquirido através da interação da criança com o mundo físico, portanto, a criança desenvolve processos cognitivos durante essa interação, que fundamenta a aprendizagem.

Assim, o conhecimento da linguagem está intrinsicamente ligado à interação com o meio linguístico.

Pereira (2012, p. 284) complementa essa ideia ao afirmar que “abordando algumas contribuições de Piaget para os estudos da linguagem na criança, poderíamos iniciar afirmando que, para este autor, o pensamento representativo (rudimentar) tem início com a capacidade de evocar objetos e eventos ausentes”. Portanto, a aquisição da língua promove um aumento na capacidade de desenvolvimento por meio da prática, permitindo a elaboração de operações mentais mais complexas. A proposta de Piaget é fundamentada na interação da criança com o meio, ao experimentar diferentes objetos, a criança desenvolve noções que servem como base para adquirir outros conhecimentos.

Corroborando essa ideia, Pereira (2012, p. 285) explica que:

Piaget toma a linguagem como uma condição necessária na construção das operações lógicas, mas não necessariamente atribui a ela uma importância capital. Em relação a estas construções lógicas, são importantes os processos de abstração empírica que os indivíduos realizam sobre os objetos (e toda a atividade de coordenação que esta implica).

Assim, a visão cognitivista considera a criança como um sujeito ativo na construção do conhecimento, o que se opõe à ideia de que o conhecimento da língua é inato. Os cognitivistas reconhecem uma ação no processo de aquisição da linguagem, embora essa ação esteja programada geneticamente. Essa é uma intersecção entre o cognitivismo e a ideia do inatismo, sendo que na teoria chomskyana, a linguagem é inata, enquanto na teoria piagetiana, a estrutura cognitiva é universal e sofre influência do meio.

À medida que as crianças desenvolvem estágios cognitivos, elas passam a ter um conhecimento construído por meio de ações. Nesse contexto, a criança inicialmente desenvolve um conhecimento baseado em sua interação com os objetos, criando uma base cognitiva que, posteriormente, permite a aquisição de conhecimentos mais abstratos, como a linguagem. Esse desenvolvimento cognitivo é um pré-requisito para a aprendizagem da linguagem, conforme assinalado por Vygotsky (1998, *apud* Miranda; Senra, 2012, p. 4):

Os estudos desses estágios permitiram concluir que, à medida que as crianças se desenvolvem, dirigindo sua fala para comunicações específicas com os outros, como, por exemplo, pedir comida ou brinquedo, elas começam a dirigir a fala para si mesmas, levando à internalização de palavras e à constituição da fala interior.

Assim, a partir de comunicações simples, a criança vai internalizando palavras e, posteriormente, produzindo novos enunciados. A aquisição da linguagem, no construtivismo piagetiano, é uma consequência do desenvolvimento do raciocínio infantil. Piaget (1999) formula a hipótese de que a consciência de sistemas simbólicos se inicia a partir da relação da criança com a cultura, sendo a linguagem a forma mais importante de simbolização oferecida pela sociedade.

Pereira (2012, p. 286) discute que:

Piaget busca estabelecer uma equivalência estrutural entre o simbolismo presente na criança, o simbolismo onírico e o pensamento simbólico de uma forma geral. Desta forma, embora formule um quadro evolutivo das formas de representação, esta evolução não quer dizer que o aparecimento de novas formas anule uma base sobre a qual se organiza a atividade simbólica.

Isso implica que, nessa fase de desenvolvimento, a criança começa a diferenciar entre o “eu” e o “outro”. Por exemplo, quando a mãe mostra dois pares de sapatos, a criança pode identificar e nomear os sapatos do pai e da mãe, demonstrando que consegue associar objetos a pessoas diferentes, reconhecendo assim a individualidade dos outros.

Em relação à “falta de consciência de si”, Piaget (1999) destaca que o símbolo é a necessidade de projetar o conteúdo interiorizado no pensamento sobre o objeto. Assim, essa falta de consciência está ligada ao desenvolvimento reflexivo, levando a criança a alcançar uma nova compreensão sobre sua individualidade em relação à realidade externa.

Recapitulando a teoria piagetiana, não há uma habilidade específica para a linguagem; em vez disso, Piaget sugere um movimento de capacidade geral de simbolização, no qual a linguagem está incluída. A aquisição da linguagem ocorre por meio de um processo de assimilação e acomodação, o que implica que a aprendizagem da língua acontece após o desenvolvimento pleno da inteligência. Portanto, a criança deve se desenvolver completamente antes de adquirir a linguagem, considerando o meio, as interações, os objetos, os indivíduos e a cultura como fatores cruciais nesse processo.

1.1. Etapas de desenvolvimento da linguagem no cognitivismo

O desenvolvimento da linguagem no cognitivismo ocorre por meio de uma sequência de etapas, e cada uma delas é caracterizada por uma estrutura cognitiva específica. Nesse sentido, Bock *et al.* (1999, p. 177) afirmam que “o cognitivismo está, pois, preocupado com o processo de compreensão, transformação, armazenamento e

utilização das informações, no plano da cognição”. Isso implica que é fundamental compreender a ação do sujeito na construção do conhecimento.

Ademais, a teoria piagetiana classifica o desenvolvimento em quatro períodos, sendo que cada um está vinculado a faixas etárias específicas. Bock *et al.* (1999, p. 100) acrescentam que “todos os indivíduos passam por todas essas fases ou períodos, nessa sequência, porém o início e o término de cada uma delas dependem das características biológicas do indivíduo e de fatores educacionais, sociais”.

Assim, o primeiro estágio, o sensório-motor, ocorre do nascimento até os 2 anos. Durante esse período, a criança é guiada por reflexos inatos, como a sucção, e começa a manipular objetos. Bock *et al.* (1999, p. 100) descrevem que “no recém-nascido, a vida mental reduz-se ao exercício dos aparelhos reflexos, de fundo hereditário, como a sucção”. Portanto, a criança evolui, passando a ser ativa em relação ao meio e a conhecê-lo através da manipulação.

No segundo estágio, o pré-operatório (2 a 7 anos), a criança desenvolve a linguagem e começa a fazer representações do seu meio. Entretanto, Bock *et al.* (1999, p. 101) destacam que “grande parte do seu repertório verbal é usado de forma imitativa, sem que ela domine o significado das palavras”. Consequentemente, a criança ainda não tem um repertório verbal totalmente desenvolvido e tende a imitar os adultos. Além disso, para Piaget (1999), a linguagem é necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento, visto que está ligada à função simbólica, que depende do amadurecimento da inteligência.

No terceiro estágio, as operações concretas (7 a 11 ou 12 anos), a criança supera o egocentrismo e começa a realizar operações lógicas fundamentadas na observação. Bock *et al.* (1999, p. 103) afirmam que “outra característica deste período é que a criança consegue exercer suas habilidades e capacidades a partir de objetos reais, concretos”. Dessa forma, a criança começa a pensar antes de agir, integrando diferentes pontos de vista.

Finalmente, no último estágio, as operações formais (a partir dos 11 ou 12 anos), o adolescente amplia suas capacidades cognitivas e raciocina sobre hipóteses. Bock *et al.* (1999, p. 105) observam que “o adolescente domina, progressivamente, a capacidade de abstrair e generalizar, cria teorias sobre o mundo”. É nesse período que o adolescente busca independência dos pais e se afasta para refletir sobre aspectos da sociedade.

2. Teoria inatista

O inatismo é uma das principais teorias de aquisição da linguagem, sendo Noam Chomsky, nascido em 7 de dezembro de 1928, na Pensilvânia, um de seus principais representantes. Chomsky estudou matemática, filosofia e linguística, e é reconhecido como um dos pensadores contemporâneos mais críticos. Para ele, a linguagem humana é inata ao sujeito, pois, “uma criança pode aprender uma parte de seu vocabulário e sensibilidade para as estruturas da sentença a partir da televisão, da leitura, da fala dos adultos etc. [...] deve haver processos fundamentais, operando independentemente do feedback do seu ambiente” (Chomsky, 1977, p. 97)

Isso significa que, embora o ambiente contribua para a aquisição da língua, a visão inatista sustenta que os humanos nascem programados para se comunicar verbalmente. Segundo Chomsky (1977), ao nascer, as crianças já possuem uma concepção de língua, que ele considera uma competência inata, herdada geneticamente. Os linguistas devem, portanto, explicar como um indivíduo desenvolve esse conhecimento linguístico, ou seja, existe uma pré-competência linguística na mente dos falantes ao nascer.

Ademais, ao estudar a linguagem natural de uma perspectiva naturalista, é essencial não apenas observar os fatos linguísticos, mas também entender o funcionamento mental por meio de princípios gerais que são universais a todos os indivíduos. A Língua-I, que representa nossa competência linguística, é parte de nossa genética. De acordo com a teoria inatista, ao nascer, já carregamos em nossa herança genética as qualidades básicas do ser humano.

Além disso, a Língua-I é individual, interna e intencional, permitindo a produção e a compreensão de um número potencialmente infinito de expressões linguísticas. Kenedy (2013, p. 34) afirma que “a noção de Língua-I corresponde ao conjunto de capacidades e habilidades mentais que fazem com que um indivíduo particular seja capaz de produzir e compreender um número potencialmente infinito de expressões linguísticas”.

Por outro lado, a Língua-E é externa, não-individual e representa tudo que aprendemos nas interações sociais. Kenedy (2013, p. 28) explica que “a noção de Língua-E corresponde grosso modo ao que comumente se interpreta como língua ou idioma no senso comum”. Isto é, a Língua-E é influenciada pela sociedade, cultura e política em que o indivíduo vive.

Consequentemente, as concepções de prática pedagógica, segundo essa teoria, não derivam de circunstâncias contextualizadas, mas sim das capacidades inatas do ser

humano. Assim, a corrente inatista defende que as crianças possuem suas próprias regras de fala, que são aprimoradas por meio da convivência com adultos. Chomsky (1977) destaca que a aquisição da língua materna se baseia na descoberta pela criança de uma teoria profunda e abstrata, uma gramática gerativa, que se relaciona indiretamente com a experiência. Ele afirma que “parece evidente que a aquisição da linguagem se baseia na descoberta pela criança daquilo que, de um ponto de vista formal, constitui uma teoria profunda e abstrata” (1977, p. 141).

Além disso, ao comparar as frases de crianças com as de adultos, nota-se que as crianças produzem palavras diferentes, não por imitação, mas pela construção de seu próprio sistema de regras. Por exemplo, quando uma criança diz "fazi" em vez de "fiz", isso indica que ela não aprendeu essa forma através da repetição.

Portanto, Chomsky (1977) argumenta que a criança já nasce pré-programada com uma quantidade considerável de informações, referindo-se a essa capacidade como Gramática Universal (GU). Sem esse conhecimento biológico, a criança não conseguiria adquirir uma língua de forma completa, dado que o meio é frequentemente falho e fragmentado.

Assim, na perspectiva inatista, os fatores inatos são mais determinantes nas aptidões individuais do que a experiência social. A interação social serve apenas para permitir que essas aptidões se manifestem. Portanto, a prática escolar é vista como secundária, restrita ao que a criança já aprendeu. O desenvolvimento biológico é crucial para a aprendizagem, e o processo de ensinar e aprender só ocorre quando a criança está madura o suficiente, dessa forma, a educação tem o papel de aprimorar essas capacidades inatas.

2.1. Etapas de desenvolvimento da linguagem no inatismo

Diversas críticas foram dirigidas a teorias como o cognitivismo e o estruturalismo americano, apontando lacunas em suas explicações sobre a aquisição da linguagem. Um dos principais críticos, Noam Chomsky (1977), argumenta que a linguagem é adquirida de forma inata, ou seja, essa capacidade é genética. Ele propôs o conceito de Gramática Universal (GU), uma estrutura interna que todo ser humano possui e que permite o desenvolvimento das habilidades linguísticas. A esse respeito, Martelotta *et al.*, (2011, p. 208) complementam a visão de Chomsky ao destacar que:

Na metade do século XX, o lingüista Noam Chomsky fez uma crítica severa a essa abordagem que dava grande importância ao meio. Ao formular a teoria gerativa com base no racionalismo cartesiano (ver o capítulo "Gerativismo"), Chomsky afirma que existe uma gramática universal, que é uma matriz biológica responsável pela grande semelhança entre as línguas e pela rapidez com que as crianças aprendem a falar. Segundo essa concepção, o homem já nasce provido de uma grande variedade de conhecimentos linguísticos e não linguísticos.

É a partir dessas críticas que nasce a teoria gerativista. Ao contrário do teorizado pelos psicolinguistas da teoria cognitivista, para os inatistas “as crianças aprendem a falar rapidamente porque, na verdade, já nascem dotadas de um dispositivo inato de aquisição da linguagem” (2011 p. 208). Sendo assim, as crianças já teriam dispositivos pré-instalados que as permitem ouvir, decodificar, aprender e produzir sentenças.

Uma das mais estudadas dentro da corrente é a hipótese maturacional da aquisição da linguagem, desenvolvida por Radford (1993). Segundo essa hipótese, o processo de aquisição de linguagem passa pelas fases: pré-linguística, que ocorre desde o nascimento da criança até os 12 meses de idade; a fase de uma palavra, que ocorre a partir dos 12 até os 18 meses de idade da criança; a fase multivocabular inicial, que ocorre dos 18 a 24 meses de idade; e, por fim, a fase multivocabular tardia, que ocorre entre os 24 a 30 meses de idade da criança.

Na fase pré-linguística, a criança não apresenta qualquer manifestação linguística, apenas sons e gestos são usados como ferramenta de comunicação do bebê. Face ao exposto, Martelotta *et al.*, (2011, p. 208) dizem que “das quatro fases propostas por Radford (1993), a primeira é caracterizada pela falta de qualquer manifestação linguística. Há apenas gestos e balbucios”. Na verdade, ela ainda não possui a capacidade de falar, mas ela já se comunica. No início a criança produz alguns sons só pelo descobrimento das capacidades motoras, ela vai fazer movimentos que não tem o mínimo significado para ela.

Na fase de uma palavra, a criança já tem maturidade suficiente para reproduzir aquilo que ela ouve, e é a partir desse momento que ela começa a estabelecer os padrões que a permite adquirir os sons da fala. Isso é uma sequência que não é aleatória, mas sim organizada em um processo que vai do som mais fácil até o som gradativamente mais difícil. Sobre isso, Martelotta *et al.*, (2011, p. 208) acrescentam:

[...] com cerca de 18 meses de idade, a criança faz algumas concordâncias de gênero e de número, mas de forma bastante assistemática, o que não é considerado aquisição. Quando a criança começa a usar repetidas vezes em sua

fala, e de modo contrastivo, o masculino e o feminino, o singular e o plural, considera-se que houve aquisição das categorias de gênero e de número.

Isto é, nessa fase a criança consegue fazer concordâncias de gênero e número, por exemplo, nesse estágio de desenvolvimento da linguagem, a criança nunca vai dizer “o escola” ela dirá “a escola”, concordando com o gênero.

Na fase multivocabular inicial, a dificuldade de produção é maior, nesse período do processo, a expectativa é que a criança produza orações um pouco mais complexas. Ela passa a dizer as primeiras palavras significativas, o que não é acidental, pois essas palavras são significativas na vida do bebê. A partir dos 18 meses, aprender novas palavras tornou-se mais fácil, a criança entende tanto quanto sua fala e tem sido capaz de manter pequenas conversas. À medida que ela cresce e ganha maior capacidade de mover a boca, os erros diminuem e sua fala se torna mais fácil de entender. Ratificando esse pensamento, Martelotta *et al.*, (2011, p. 208) dizem que nessa fase acontece

o desenvolvimento dos sistemas lexicais, que são aqueles que englobam o sistema nominal, o sistema verbal, o sistema adjetivo e o sistema preposicional. As crianças adquirem as categorias lexicais juntamente com as suas características temáticas

Ou seja, as crianças adaptam-se às funções gramaticais e interpessoais que desempenham nesse estágio.

Na fase multivocabular tardia, a linguagem é usada para descrever e explicar sistematicamente as ações do passado, presente e futuro. É agora que as crianças começam a construir frases maiores, com quatro ou cinco palavras. Corroborando com isso, Martelotta *et al.*, (2011) acrescentam que a última etapa, denominada fase multivocabular tardia ou fase funcional, caracteriza-se pela presença dos sistemas funcionais. Dessa forma, a criança utiliza todos os elementos que faltavam na fase anterior. Para Radford, essa fase só é atingida quando a criança dominou totalmente os sistemas lexicais.

Nesse período, a criança já desenvolve a linguagem a partir da dominação dos sistemas lexicais da fase anterior.

3. Análise dos resultados: compatibilidades e dissidências entre as teorias inatista e cognitivista

Ao realizar uma análise comparativa entre as teorias de aquisição de linguagem de Noam Chomsky (inatismo) e Jean Piaget (cognitivismo), evidenciam-se tanto pontos de convergência quanto dissidências que refletem as abordagens distintas de cada autor. A seguir, são exploradas essas compatibilidades e divergências com base em uma revisão de literatura, mantendo uma abordagem qualitativa.

3.1. Compatibilidades entre as teorias

Embora as abordagens inatista e cognitivista partam de premissas epistemológicas diferentes, elas compartilham alguns pontos em comum que ressaltam a importância do meio no desenvolvimento da linguagem.

3.1.1. Importância do meio social

Tanto Chomsky quanto Piaget reconhecem que o ambiente social desempenha um papel essencial no processo de aquisição da linguagem.

Para Chomsky (1977), o meio atua como um ativador da capacidade linguística inata, fornecendo estímulos que ajudam a criança a desenvolver sua competência linguística. Como ele afirma, deve haver processos fundamentais, operando independentemente do feedback do seu ambiente (Chomsky, 1977).

Já Piaget (1999) entende que a linguagem é adquirida à medida que a criança interage com o ambiente e desenvolve suas capacidades cognitivas. A interação social é crucial para a criança "construir" o seu conhecimento linguístico a partir da experiência.

3.1.2. Desenvolvimento progressivo

Ambas as teorias reconhecem que o desenvolvimento da linguagem ocorre por etapas, sendo um processo gradual.

Chomsky (1977) observa que, embora a capacidade linguística seja inata, seu desenvolvimento ocorre à medida que a criança é exposta a diferentes estímulos linguísticos, como demonstrado no conceito de fase multivocabular inicial, dos 18 aos 24 meses, quando a criança, mesmo exposta a curtos fragmentos de fala, tem a capacidade inata de adquirir e internalizar os sistemas complexos que regem um idioma (Martelotta *et al.*, 2011).

Piaget (1999), por outro lado, divide o desenvolvimento da linguagem em períodos, como o sensório-motor e o pré-operatório, que são momentos críticos no

desenvolvimento cognitivo e no início da fala. Eles consideram que o desenvolvimento mental é uma construção contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais (Bock *et al.*, 1999).

3.1.3. Sistema interno para a linguagem

Ambas as teorias aceitam que há um sistema interno necessário para o desenvolvimento da linguagem.

Para Chomsky (1977), esse sistema é a Gramática Universal (GU), uma estrutura mental inata e biológica que permite que os seres humanos adquiram qualquer língua. Em Piaget (1999), o sistema interno refere-se ao desenvolvimento das estruturas mentais que organizam o pensamento e a linguagem da criança, à medida que ela amadurece cognitivamente.

3.2. Dissidências entre as teorias

As principais diferenças entre as teorias de Chomsky e Piaget refletem suas distintas concepções sobre a origem da linguagem e o papel do ambiente no processo de aquisição linguística.

3.2.1. Origem da Capacidade Linguística

Para Chomsky (1977), a capacidade de adquirir a linguagem é inata, isto é, já está presente no ser humano ao nascer. Segundo ele, "uma criança pode aprender uma parte de seu vocabulário e sensibilidade para as estruturas da sentença a partir da televisão, da leitura, da fala dos adultos etc." (1977, p. 97), o que sugere que a predisposição biológica é o fator determinante. O trecho destacado reforça essa visão ao apontar que, embora o ambiente forneça insumos linguísticos (como vocabulário e exemplos estruturais), é a predisposição biológica que capacita a criança a internalizar e organizar essas informações de forma sistemática. Assim, a linguagem não é aprendida de maneira mecânica, mas emerge da interação entre a exposição ao ambiente e a ativação dessa capacidade inata.

Esse ponto de vista se opõe às perspectivas empiristas, que atribuem maior peso ao papel do ambiente e da experiência na aquisição da linguagem. Por exemplo, Skinner (1957) enfatizava o aprendizado por reforço e condicionamento, enquanto Chomsky demonstrou que as crianças produzem enunciados gramaticalmente corretos que não

poderiam ser diretamente ensinados ou imitados, como sentenças criativas e erros sistemáticos.

No campo da educação, a teoria de Chomsky tem implicações relevantes, pois destaca a importância de oferecer um ambiente linguístico rico e diversificado para potencializar essa capacidade inata. Embora a predisposição biológica seja essencial, a qualidade e a quantidade de estímulos linguísticos que uma criança recebe desempenham um papel crucial no desenvolvimento pleno de sua competência comunicativa.

Piaget (1999) discorda da ideia de uma gramática inata, argumentando que a linguagem é uma função do desenvolvimento cognitivo e da maturação da criança. Para ele, a aquisição da linguagem ocorre à medida que a criança desenvolve estruturas mentais mais complexas através da interação com o ambiente. Ele considera que "o desenvolvimento mental é uma construção contínua" (Bock *et al.*, 1999, p. 97).

3.2.2. Relação entre Linguagem e Cognição

Chomsky (1977) trata a linguagem como uma capacidade autônoma, dissociada do desenvolvimento cognitivo em geral. A Gramática Universal seria um módulo específico no cérebro humano, responsável por governar a linguagem.

Piaget (1999), por outro lado, vincula diretamente a linguagem ao desenvolvimento cognitivo. Para ele, a linguagem só emerge quando a criança atinge certos estágios de desenvolvimento intelectual, como o período sensório-motor e o pré-operatório, que são fundamentais para o surgimento da linguagem simbólica.

3.2.3. Mecanismo de Aprendizagem

Para Chomsky (1977), a aprendizagem da linguagem ocorre de maneira quase automática, uma vez que as crianças já possuem a capacidade inata de aprender as regras gramaticais. Mesmo com exposição limitada ao idioma, as crianças são capazes de adquirir uma gramática complexa.

Piaget (1999) acredita que o processo de aprendizado da linguagem é mais lento e depende da maturação das habilidades cognitivas. O desenvolvimento linguístico está atrelado ao progresso da criança em outros domínios, como a lógica e o raciocínio.

3.3. Convergência e complementaridade

Embora as teorias de Chomsky e Piaget apresentem divergências significativas, elas também podem ser vistas como complementares.

Chomsky (1977) fornece uma explicação sobre a capacidade inata para a linguagem, justificando por que as crianças adquirem um idioma de forma tão rápida e eficiente. Sua teoria ajuda a entender como é possível que as crianças sejam capazes de construir sentenças complexas com uma exposição relativamente limitada ao idioma.

Piaget (1999), por sua vez, aprofunda a relação entre o desenvolvimento cognitivo e a linguagem, destacando como a evolução intelectual da criança influencia sua capacidade de se comunicar. A linguagem, para ele, é parte de um processo mais amplo de desenvolvimento do raciocínio e da lógica.

Nesse sentido, enquanto Chomsky foca na biologia e na estrutura interna da linguagem, Piaget enfatiza o papel da experiência e da maturação cognitiva. Ambas as teorias reconhecem a importância do meio social, mas divergem quanto à primazia da biologia ou do ambiente na aquisição da linguagem.

Portanto, a análise comparativa entre as teorias inatista e cognitivista revela que, embora existam diferenças significativas, ambas contribuem para uma compreensão mais abrangente da aquisição da linguagem. As duas abordagens reconhecem que o ambiente é essencial para o desenvolvimento linguístico, mas divergem quanto à extensão em que a biologia ou o ambiente desempenham um papel determinante. No entanto, as teorias não precisam ser vistas como mutuamente excludentes, mas como complementares, oferecendo estudos valiosos para a psicologia e a linguística.

Considerações finais

Neste artigo, procurou-se realizar uma comparação entre duas das principais teorias da aquisição e do desenvolvimento da linguagem: o inatismo, de Noam Chomsky, e o cognitivismo, de Jean Piaget. Após a revisão bibliográfica, percebe-se que, embora essas teorias sejam fundamentais para entender a aquisição da linguagem, elas não esgotam a complexidade do tema. As ciências linguística e psicolinguística ainda carecem de maior discussão, pois novas perspectivas continuam a surgir e enriquecer esse campo.

Concluindo, é possível sintetizar que Jean Piaget, ao investigar o comportamento humano, centrou-se no processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua natural pela criança, enfatizando que tal processo está intrinsecamente relacionado à maturação

física, psicológica e social. Sua preocupação era entender como esses fenômenos cognitivos moldam as identidades individuais. Em contraste, Noam Chomsky buscava entender a relação entre mente e linguagem por meio do conceito de Gramática Universal, sugerindo que a capacidade linguística está inscrita no código genético humano e que o aprendizado ocorre com a ativação dessa estrutura inata pelos estímulos do meio em que a criança se encontra.

Ambas as teorias têm suas particularidades, mas também compartilham um ponto central: a importância dos estímulos externos para o desenvolvimento da linguagem. Seja por meio do processo cognitivo proposto por Piaget, que ocorre em estágios de maturação, seja pela ativação de estruturas linguísticas inatas, como defende Chomsky, é fundamental que a criança esteja inserida em um ambiente que favoreça o contato com a linguagem para que seu desenvolvimento linguístico se efetive.

Ainda que essas teorias apresentem algumas divergências, é importante reconhecer que nenhuma delas se distancia da realidade observada no desenvolvimento infantil. A análise comparativa aqui realizada, portanto, não busca eleger uma teoria em detrimento da outra, mas sugerir que ambas podem ser complementares. A ciência, por sua natureza dinâmica, continua a investigar e aprimorar o entendimento sobre como ocorre a aquisição da linguagem, e as contribuições dessas duas abordagens são essenciais para compreendermos melhor esse processo.

Por fim, o estudo das teorias inatista e cognitivista, assim como de outras abordagens, nos convida a questionar e refletir sobre a complexidade que envolve a aquisição de uma língua natural. Embora as pesquisas realizadas até o momento sejam profundas e esclarecedoras, ainda há muitos aspectos a serem explorados.

Com base nas discussões aqui apresentadas, podemos concluir que o desenvolvimento da linguagem exige uma interação constante entre os fatores biológicos, defendidos por Chomsky, e os fatores cognitivos e sociais, postulados por Piaget. Assim, ao invés de serem teorias excludentes, o inatismo e o cognitivismo oferecem perspectivas complementares, ampliando nossa compreensão sobre o desenvolvimento da linguagem humana.

Referências

BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

- CHOMSKY, N. **Reflexões sobre a linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CORRÊA, U. C. **Estrutura de prática e processo adaptativo na aquisição de habilidades motoras**. 2001. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARTELOTTA, M. E. et al. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MIRANDA, B. J.; SENRA, X. L. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0306.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024.
- PEREIRA, C. L. Piaget, Vygotsky e Wallon: contribuições para os estudos da linguagem. *Psicologia em Estudo*, v. 17, 2012.
- PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.
- RADFORD, A. **Syntactic theory and the acquisition of English syntax**. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.
- SKINNER, B. F. **Comportamento verbal**. Nova Iorque: Appleton-Century-Crofts, 1957.